

PESQUISA EM EDUCAÇÃO:

Concepções de ciência, paradigmas teóricos e produção do conhecimento

COSTA, Marisa C. Vorraber. Cad. Pesq. São Paulo, n.90, p.15-20, ago.1994.

O texto de Vorraber, "Pesquisa em Educação: Concepções de ciência, paradigmas teóricos e produção do conhecimento" assim como o texto de Moran "Novas Tecnologias e o Re-encantamento do Mundo, apresentam uma oportunidade para que alunos e professores da área de comunicação, educação e outras possam incitar seus estudos sobre a tríade: ciência, teoria e conhecimento, ademais constata-se que o assunto em pauta norteia todos os segmentos da sociedade em rede, que buscam de certa forma compreender a concepção de ciência, os paradigmas teóricos e a produção do conhecimento, bem como o texto de Moran onde o assunto também desperta curiosidade pelo fato de contemplar um tema em voga e que de certa forma todos nós estamos inseridos.

Vislumbra-se pela leitura do texto que hoje vivenciamos a incerteza, e que essa incerteza seja o que temos de mais certo nessa contemporaneidade, marcada hoje pelo provisório, pelo incerto, pelo incompleto em todas as categorias que nos acompanham, em todas as áreas de análise de nossa experiência, onde é importante salientar que o curso dos acontecimentos possa se alterar a qualquer momento.

Reafirmando ainda a ideia central do texto, discorre sobre três aspectos, sendo o primeiro relativo a concepção de ciência, este focaliza-se a indissociabilidade entre teoria e prática., ou seja o saber como construção coletiva e o professor como pesquisador. O segundo aspecto diz respeito ao questionamento do papel dos paradigmas teóricos na produção do saber novo e o terceiro e último trata-se dos desafios de uma produção de conhecimento efetivamente criativo, revolucionário, que traga contribuições à solução dos problemas educacionais que nos afligem, assim compreendemos a priori que o texto relata sobre os temas: concepção de ciência, paradigmas teóricos e produção do conhecimento. O texto de forma geral apresenta paradigmas para o movimento de desdogmatização da ciência, que vai abrir espaço para que aconteça o tão desejado e necessário "olhar novo" para a formação da ciência.

Como apresentado acima, a ideia central do texto é apresentar a concepção de ciência, bem como os paradigmas teóricos e a produção do conhecimento, através de explicações contundentes, onde há aproximadamente dez anos, a pesquisa em Educação, no Brasil, vem se desenvolvendo, predominantemente, sob a égide de uma nova visão de ciência, onde percebe-se a nítida necessidade de rompimento com a tradição empirista de ciência e de adoção de caminhos alternativos de investigação, enfim busca-se hoje a tendência para uma teoria cada vez mais crítica. Não apenas a realidade empírica mas a

posição do sujeito na história, sua práxis histórico-social, passam a ser fonte de conhecimento científico. Os professores e pesquisadores passam a lançar mão de metodologias qualitativas de investigação e proliferam os estudos de caso, a pesquisa participante, a pesquisa-ação, os questionários conscientizantes, observa-se então um ruptura com padrões antigos e a formação de uma nova forma de produção do conhecimento, conforme citado no parágrafo anterior.

O texto afirma que existem pressupostos para a produção do saber em educação, uma espécie de senhas poderosas, onde sem as quais não se pode adentrar um universo teórico, a saber: a) a indissociabilidade entre teoria e prática, b) o saber como construção coletiva e c) o professor como pesquisador, esses três pressupostos são referências teóricas vigorosas para que avancemos na resolução dos graves problemas educacionais que nos afligem, são arcabouços importantes para dar início a resolução de um problema urgente.

Vorraber deixa claro logo no início de sua produção que pelos pressupostos da teoria marxista, o conhecimento não é contemplação, é criação da realidade, e isso acontece quando o homem se comporta com ser prático.

A autora argumenta que a reflexão em nossas pesquisas ainda é insuficientemente fértil e criativa, ou seja devemos retirar dos dados do mundo concreto, das experiências da prática, do cotidiano, os conceitos com os quais pretendemos trabalhar (por exemplo: poder, classe social, emancipação etc) e submetê-los a uma espécie de formalização, relacionando-os a uma morfologia reconhecida pelos teóricos da área. Assim em vez de ponto de referência para a superação de uma visão ingênua, pré-crítica da realidade, o paradigma acaba funcionando como uma viseira que não permite ao pesquisador enxergar mais nada para além dos limites. Esta ainda toma por base a teoria de Huhn para concepção de ciência, que diz o seguinte: podemos fazer uma ciência normal sem inovações, em segundo pode-se fazer uma ciência normal apenas com o jogo de palavras e com qualidade pobre e terceiro pode-se fazer uma ciência revolucionária, e para fazer essa ciência revolucionária é preciso criatividade. Desta forma o cientista revolucionário é capaz de problematizar a realidade de maneira criativa, possibilitando o surgimento de novas respostas para perguntas que nem sequer haviam sido formuladas.

A autora argumenta a ideia de que atualmente as produções tem sido levadas para esta segunda concepção de ciência normal, ou seja não representando nenhuma contribuição esclarecedora às expectativas sociais em relação aos problemas educacionais. Ainda destaque que precisamos de cientistas voltados para um olhar novo sobre a realidade.

Para Vorraber, a orientação voltada hoje é para o incerto, o inusitado e isso acaba deixando o pesquisador em uma situação mais cômoda, para se lançar em inúmeras direções. Tudo isso trata-se do movimento de desdogmatização da ciência, conforme relatado no início do texto; que vai abrir espaço para que aconteça o tão desejado e necessário “olhar novo” para a formação da ciência. Haja visto que a ciência hoje “expressa nossas interrogações frente a um mundo mais complexo e mais inesperado do que poderia imaginar a ciência clássica. Isso refuta a ideia de Heidegger em que a ciência que nos acompanhará no próximo milênio apresenta-se muito promissora no que diz respeito à abertura de espaço para o desenvolvimento do potencial criativo e reflexivo do homem. Assim Vorraber diz, “o trabalho do professor é trabalho de criação e a pesquisa é seu componente

genuíno[...]”.(VORRABER, p.20,1993).

O pensamento envolvido no texto é bastante convincente , porque trata-se de apresentar a concepção, os paradigmas e por fim a produção do conhecimento em um mundo interativo, o mundo em mudança, e esta formação tem caminhado para uma formação criativa. Haja visto que estamos vivenciando hoje, assim diz TRIVINHO, ” é um mundo interativo, bem como de intra-atividade, não só de interferência, mas também de “intraferência” - o que não soma o usuário senão a característica de indivíduo teleintra-atuante [...]”. (TRIVINHO, p.5,1996).

Enfim, embora a paradigma crítico pareça ser uma tendência dominante nos estudos sobre educação, hoje no Brasil convivem em seu interior componentes residuais de origem tradicional, e isso tem dificultado as propostas transformadoras, e que talvez a única certeza que temos é a de que estamos profundamente marcados pelo transitório, pelo incompleto e provisório, onde o curso dos acontecimentos podem alterar a qualquer momento.

Sílvia Maria Aparecida Vitorino

Mestranda em Tecnologias da Informação e Comunicação pela FACED –UFU.
Especialista em Gestão e Políticas Públicas – Faculdade Católica de Uberlândia.
Graduada em Administração pela UFU. Email: silviavitorino2006@yahoo.com.br.

(Recebido em fevereiro de 2015; aceito em maio de 2015)